

RIO VERDE (GO), UMA CIDADE DE COMANDO REGIONAL

RIO VERDE (GO), A REGIONAL COMMAND CITY

RIO VERDE (GO), UNA CIUDAD DE MANDO REGIONAL

Jaff Tayllor Lourenço Resende¹**William Ferreira da Silva**²

Resumo: O município de Rio Verde (GO) é o 4º mais populoso do estado de Goiás e possui uma dinâmica econômica onde se destacam as atividades agroindustriais. Desde a segunda metade do século XX o espaço do município vem sendo transformado pela inserção das cadeias produtivas de grãos e de carnes, pelo crescimento populacional e pela diversificação e ampliação de atividades comerciais e de serviços. Objetiva-se verificar o movimento de transformação de Rio Verde em uma cidade do agronegócio e dinamizadora de uma região produtiva agrícola. A partir das perspectivas espacial e territorial, o estudo lançou mão de revisão bibliográfica no sentido de consolidar o aporte teórico e identificar os principais fatos que contribuíram para a transformação espacial no município, além da utilização de informações demográficas censitárias a partir de 1970. O quadro identificado resultante da combinação entre a territorialização da agroindústria, a expansão das atividades do setor terciário e o crescimento demográfico permite considerar que se trata de uma cidade de comando regional, na qual o controle das ações ocorre a partir do externo, por força das corporações que controlam a agroindústria neste espaço. Para além disso, observa-se a continuidade dos processos iniciados com a inserção da agroindústria de grãos e de carnes, mas não sem a produção de contradições. **Palavras-chave:** Agroindustrialização; Setor terciário; Serviços; Crescimento demográfico, Comércio.

Abstract: The municipality of Rio Verde (GO) is the fourth most populated in the State of Goiás and has a dynamic economy, in which agro-industrial activities stand out. Since the second half of the 20th century, the space of the municipality has been transformed by the introduction of grain and meat production chains, population growth and the diversification and expansion of commercial and service activities. The objective is to verify the transformation of Rio Verde into an agroindustrial city and the driving force of an agricultural production region. From a spatial and territorial perspective, the study used a literature review to consolidate the theoretical framework and identify the main events that contributed to the spatial transformation of the municipality, as well as using

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí. Email: jafftayllor@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/3167959895534556>. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0001-5992-5433>.

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudo Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás, Regional Goiânia. Professor de Geografia na Universidade Federal de Jataí. Email: william_silva@ufj.edu.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8996229734281231>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0981-8082>.

demographic census data since 1970. The picture identified as a result of the combination of the territorialization of the agro-industry, the expansion of activities in the tertiary sector and demographic growth allows us to consider that this is a city of regional command, where the control of actions occurs from the outside, by virtue of the corporations that control the agro-industry in this space. Moreover, there is continuity in the processes that began with the introduction of the grain and meat agro-industry, but not without the production of contradictions.

Keywords: Agro-industrialization; Tertiary sector; Services; Population growth; Trade.

Resumen: El municipio de Rio Verde (GO) es el 4º más poblado del estado de Goiás y tiene una economía dinámica en la que destacan las actividades agroindustriales. Desde la segunda mitad del siglo XX, el espacio del municipio se ha transformado por la inserción de las cadenas de producción de granos y carne, el crecimiento demográfico y la diversificación y expansión de las actividades comerciales y de servicios. El objetivo es analizar la transformación de Rio Verde en una ciudad del agronegocio y motor de una región de producción agropecuaria. Desde una perspectiva espacial y territorial, el estudio utilizó una revisión bibliográfica para consolidar el marco teórico e identificar los principales acontecimientos que contribuyeron a la transformación espacial del municipio, así como la utilización de datos del censo demográfico a partir de 1970. El cuadro identificado como resultado de la combinación de la territorialización de la agroindustria, la expansión de las actividades del sector terciario y el crecimiento demográfico permite considerar que se trata de una ciudad de comando regional, en la cual el control de las acciones ocurre desde el exterior, en virtud de las corporaciones que controlan la agroindustria en este espacio. Además, hay continuidad en los procesos que se iniciaron con la inserción de la agroindustria de granos y carnes, pero no sin la producción de contradicciones.

Palabras clave: Agroindustrialización; Sector terciario; Servicios; Crecimiento demográfico, Comercio.

Introdução

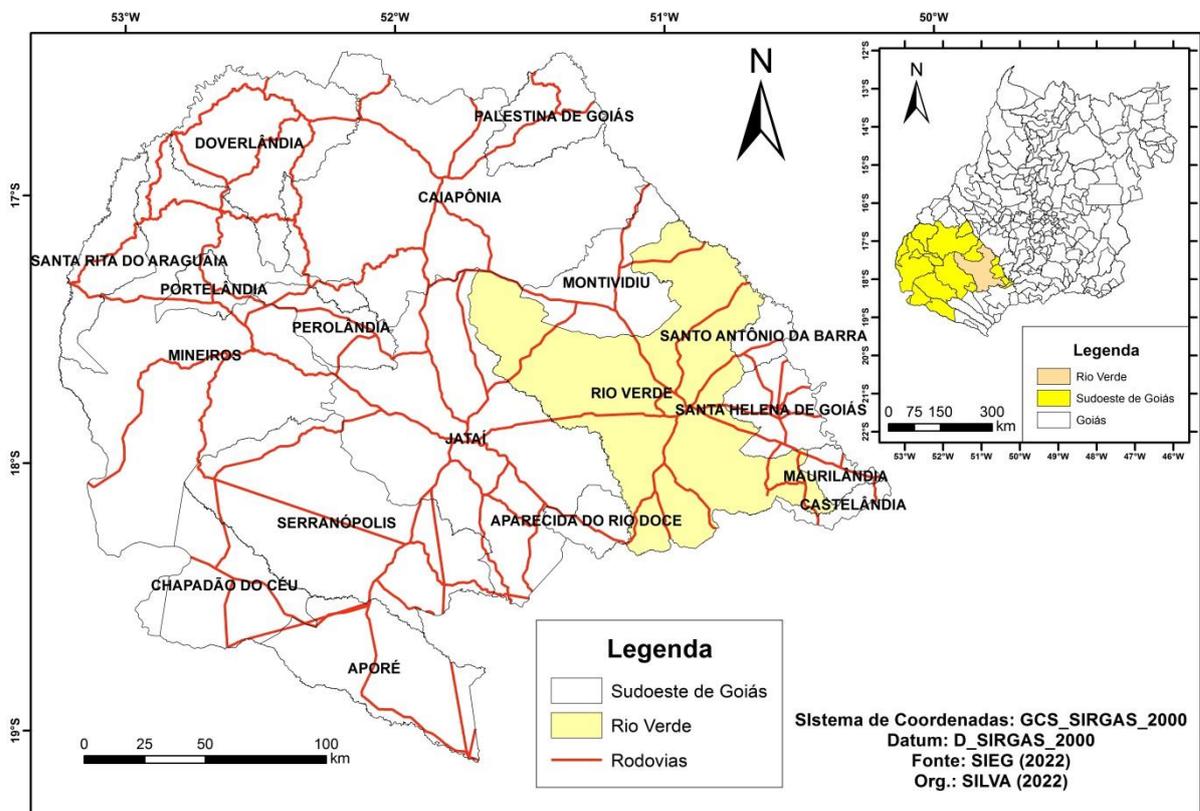
Este artigo busca proporcionar uma compreensão sobre as transformações proporcionadas pelos processos econômicos e territoriais no município de Rio Verde em três frentes: a territorialização da agroindústria e a consolidação enquanto uma cidade do agronegócio, a expansão das atividades do setor terciário e a consolidação de uma hegemonia regional a partir do setor terciário.

O estudo lançou mão da revisão bibliográfica para a consolidação do aporte teórico acerca dos conceitos de Cidade do Agronegócio (Elias, 2006), Região Produtiva Agrícola (Elias, 2011), Cidade de Comando Regional (Lima e Silveira, 2018) e dos principais elementos que direcionaram a ocupação do território rio-verdense pelas agroindústrias de grãos e de carnes. Adicionalmente, o caminho percorrido para a produção do conhecimento, buscou no aporte de dados secundários a evidenciação das

transformações na dinâmica populacional e na realização de observação do espaço urbano as transformações mais recentes relativas ao setor terciário no município de Rio Verde.

O município está localizado na microrregião Sudoeste de Goiás (Figura 1). Trata-se da 4ª maior população absoluta de Goiás, com 225.696 habitantes (IBGE, 2022), atrás apenas de Goiânia, Aparecida de Goiânia e Anápolis. Possui uma densidade demográfica de 26,95 habitantes por km². Trata-se de um município que possui uma dinâmica econômica com destaque para as atividades agroindustriais, o comércio e a prestação de serviços.

Figura 1: Localização do município de Rio verde na microrregião Sudoeste de Goiás



Fonte: Sieg, 2022. Elaboração: Silva, 2022.

Historicamente, ao fazer um recorte das últimas cinco décadas (1970-2020), o que se vê é um município onde o capital promoveu, de forma bastante notável, a onda de expansão das atividades agropecuárias tecnificadas, o que fica evidente num primeiro momento com a consolidação da cadeia de grãos e, posteriormente, com a cadeia de carnes. A consolidação dessas cadeias produtivas foram movimentos materializados,

respectivamente, pela Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (COMIGO) e a Brasil Foods S.A. (BRF). Seus desdobramentos, favoreceram a ocorrência de fluxos migratórios direcionados à região e sobretudo ao município de Rio Verde, além da caracterização desta cidade como o que foi definido por Elias (2006) como uma cidade do agronegócio.

Uma cidade “do agro” se torna funcional ao agronegócio, de modo que uma expressiva parte de suas dinâmicas estejam de alguma forma ligadas às atividades agropecuárias e tende a dar origem a uma Região Produtiva Agrícola (RPA), sobretudo se o município em questão concentrar as estruturas de processamento, serviços e mercado da produção agrícola.

Avançando aos dias atuais, tem se observado a expansão do comércio, principalmente por meio de grandes redes atacadistas, além da expansão de outras frentes do setor terciário, como a prestação de serviços, atendendo necessidades do mercado consumidor local e regional em detrimento do deslocamento para grandes centros urbanos.

Na medida em que se avança no crescimento populacional e, conseqüentemente, em outras atividades visando o atendimento a demandas dessa população emergente, o município pode acrescentar às características de uma RPA, outras que lhe permitam exercer outro papel no contexto local, regional ou mesmo nacional.

Desta forma, este artigo busca proporcionar uma compreensão sobre os processos econômicos e territoriais no município de Rio Verde em três frentes: a territorialização da agroindústria e a consolidação enquanto uma cidade do agronegócio, a expansão das atividades do setor terciário por meio de investimentos notáveis e a consolidação de uma hegemonia regional a partir do setor terciário.

Este artigo está dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira é intitulada ‘A territorialização da agroindústria e a consolidação de uma cidade do agronegócio e Região Produtiva Agrícola’ e destaca a construção de duas cadeias agroindustriais construídas no município de Rio Verde, uma de grãos e uma de carnes, mencionando dinâmicas substancialmente influenciadas por esse processo, como o crescimento demográfico e ressaltando ainda, a maneira como a cidade se torna funcional às atividades agroindustriais. A segunda é denominada ‘A expansão do setor terciário no território urbano rio-verdense’ e destaca que o crescimento do setor terciário

em Rio Verde após as suas fases de agroindustrialização. Por fim, a terceira etapa do trabalho, intitulada ‘Aspectos do espaço rio-verdense enquanto cidade de comando regional’ demonstra o aspecto de centralidade e comando regional que a cidade adquire a partir dessas transformações demonstradas nas duas primeiras etapas do artigo.

A territorialização da agroindústria e a consolidação de uma cidade do agronegócio e Região Produtiva Agrícola

Nos municípios brasileiros é comum que, tanto os espaços rurais, quanto os espaços urbanos passem por processos de reestruturação, seja ela econômica, produtiva, territorial ou demográfica. Em Rio Verde é notável o dinamismo das atividades agroindustriais, reconhecido regional e nacionalmente na atualidade. Apesar disso, o município possui raízes agrárias que remontam ao período de sua fundação, embora as atividades agropecuárias anteriores à Marcha para o Oeste, no século XX, fossem fortemente voltadas para a subsistência das famílias.

Nas configurações da globalização, os países, em especial os de economia periférica, passaram por um processo de reestruturação produtiva e de território. Esse processo foi marcado pela possibilidade de incorporar métodos científicos à produção. Com isso, as forças produtivas passam a se renovar de forma jamais vista, aumentando a capacidade do homem como agente transformador da natureza. Segundo Elias (2006) é dessa forma que se constrói uma segunda natureza pelo homem, artificial, mais manipulável, e mais apta a atender às demandas do capital.

O município de Rio Verde passou por dois notáveis movimentos de agroindustrialização. O primeiro deles, ligado à cadeia produtiva de grãos, se iniciou ainda na década de 1970, tendo como um importante marco, o surgimento da COMIGO. De acordo com Borges (2012), sua história se inicia ainda em 1974, com a iniciativa de agricultores do período, que tinham demandas por estruturas de armazenagem e comercialização, numa época em que os principais produtos agrícolas locais eram o arroz e o milho. Sua fundação ocorre oficialmente em 1975, com 50 produtores rurais associados.

Seu rápido crescimento contribuiu, especialmente com dois movimentos na região, a fixação da cultura da soja e os avanços tecnológicos, já que na década seguinte, a cooperativa, criada para atender a demandas dos produtores locais, inauguraria a

primeira indústria de esmagamento de soja de região Centro-Oeste do Brasil, no ano de 1983.

Atualmente a COMIGO, embora seja formalmente uma cooperativa, atua em diferentes segmentos e mantém uma planta industrial na cidade de Rio Verde onde são processados insumos, sementes e derivados de grãos, dentre outros produtos, além de armazéns. Além do referido complexo, a Cooperativa mantém loja agropecuária e sede administrativa na parte central da cidade. Ao todo, a COMIGO está presente em 20 municípios.

Na década de 1970, período de estabelecimento da COMIGO, a população urbana de Rio Verde ainda era um pouco menor do que a rural, mas a partir da década de 1980 fica evidente um notável crescimento da população urbana, tendência que se mantém nas décadas seguintes. Por outro lado, a população rural diminui até o início da década de 1990 e se mantém estável nos períodos seguintes. As informações demográficas referentes à cada período, podem ser visualizadas na tabela 1.

Tabela 1 - Rio Verde: população urbana, rural e total (1970/2010)

	Pop. Urbana	% Urbana	Pop. Rural	% Rural	Pop. Total
1970	26.927	48,35%	28.770	51,65%	55.697
1980	55.541	74,35%	19.158	25,65%	74.699
1991	84.142	87,37%	12.167	12,63%	96.309
2000	106.079	91,01%	10.473	8,99%	116.552
2010	163.540	92,70%	12.884	7,30%	176.424

Fonte: IBGE 2022.

O pontapé inicial das mudanças na tendência demográfica, pode ser associado aos avanços tecnológicos, que diminuía significativamente a necessidade de mão de obra no campo. Movimentos como as mudanças na tendência demográfica local, a substituição de outras culturas pela da soja, bem como, os processos de industrialização, caracterizam o movimento de expansão da fronteira agrícola no Brasil.

A produção agrícola de soja tem representado no Brasil o avanço da moderna agricultura, sobretudo, por ser praticada com inovações técnicas e científicas de ponta, além de também ser comercializada como *commodities* nos mercados mundiais. O valor da terra e os investimentos em novas áreas seguem as necessidades dos mercados internacionais. O plantio da soja elenca muito bem a reestruturação do campo brasileiro pela moderna agricultura, principalmente o movimento de expansão da fronteira agrícola. [...] Em outras palavras, a renda da terra incentiva a fronteira a se movimentar para regiões menos densas para manter o ritmo de acumulação da agropecuária. [...] (Rodrigues; Batista; Amador, 2020, p. 202-203).

Associado à globalização, o agronegócio mantém as áreas de produção agropecuária em constante conexão internacional, com os centros de poder e mercado, e faz com que o território se organize a partir da influência deles, consolidando territórios de exclusão. Além da exclusão, existe também a subordinação, processo pelo qual os pequenos produtores são absorvidos pelo sistema, subordinando-se às grandes empresas, que recebem inclusive parte da renda de sua produção através da compra de alguns de seus produtos e da oferta de serviços.

O segundo movimento de agroindustrialização que Rio Verde atravessou foi o da inserção da cadeia produtiva de carnes. Trata-se de um movimento que é, de certa forma, complementar ao primeiro e foi marcado pela instalação de uma unidade de abate e processamento de aves e suínos, sendo parte do que foi denominado como Projeto Buriti.

De acordo com Borges (2012), este projeto visava a expansão da empresa Perdigão para além dos domínios da região sul. Desta forma, a unidade industrial de Rio Verde, considerada a maior planta industrial da América Latina à época, abriu caminho para que outras unidades industriais da empresa se instalassem em outras cidades fora da região sul. A Perdigão, posteriormente se tornaria BRF, a partir de processos iniciados em 2009, incorporando num primeiro momento a Sadia e nos anos seguintes outros grupos empresariais do ramo alimentício, o que contribuiu para expandir sua marca ainda mais.

Se o primeiro momento de agroindustrialização abriu caminhos para uma transformação na dinâmica populacional entre campo e cidade, o segundo ajudou a alavancar a ocorrência de fluxos migratórios, de pessoas vindas de diversas regiões do Brasil, almejando emprego e melhores condições de vida.

[...] a instalação da Perdigão Agroindustrial S/A no Sudoeste de Goiás é, por si, um impacto no espaço regional, através da construção de sua planta industrial, de suas granjas e de loja comercial. Impacto, este, que se revela "motriz" ao desencadear outras mudanças, efeitos, impactos e transformações nos espaços local e regional. (Borges, 2012, p.10)

Uma conceituação possível para as RPAs é a de que são áreas constituídas a partir da superespecialização de determinados produtos ou culturas, favorecendo a ação capitalista no campo e na cidade, nos municípios onde esse processo acontece. Elas podem ser um caminho para a compreensão das complexas dinâmicas do campo brasileiro, que com seus muitos núcleos de expansão agropecuária, por sua vez,

favorecem a ocorrência de transformações também nas cidades brasileiras. Em Rio Verde, dentre as atividades produtivas existentes, podemos ver um destaque para a produção de grãos e a criação de galináceos e suínos.

As RPAs estão profundamente atreladas à economia globalizada. Trata-se de um território que têm quase que totalmente eliminada a sua autonomia com relação ao resto do mundo. Elas precisam de interação permanente para renovação tecnológica e reprodução do capital. Por sua natureza quanto às capacidades produtivas, as RPAs despertam reflexões sobre as diferenciações regionais, pois cada *commodity* tem suas particularidades no processo produtivo, interferindo na composição territorial (Elias, 2011).

Visando novos estudos e pesquisas sobre as Regiões Produtivas Agrícolas, é importante buscar algumas variáveis fundamentais para a compreensão dessas unidades. A disponibilidade de tecnologias e técnicas capazes de reduzir as limitações para as atividades agropecuárias, impostas por fatores naturais, potencializando a produção, como o movimento mais geral ocorrido no Cerrado brasileiro na segunda metade do século XX, é um dos fatores que ajudam a dar origem às RPAs. A criação ou a instalação de grandes grupos empresariais ligados à agroindústria, de capital multinacional, expande as redes de relações dessas regiões. Em Rio Verde, o Projeto Buriti é um exemplo disso. Podemos ter, a partir dessas regiões

[...] um recorte espacial para análise de algumas das mudanças ocorridas no território brasileiro, aumentando nossa capacidade de interpretar e de reconhecer os recortes atuais para melhor reconhecer o território. Uma vez que a globalização só se realiza com a fragmentação do território, a RPA ganha força como uma das possibilidades para percepção de tais processos. (Elias, 2011, p. 164)

É importante salientar que o processo de tecnificação, acompanhando pelo crescimento da dinâmica econômica, também se caracteriza por perdas. Inicialmente, esse processo é sucedido pela exclusão do pequeno produtor do circuito produtivo do campo e, pelas consequências ambientais inerentes à produção agropecuária em larga escala. Num segundo momento, já na fase de agroindustrialização, se fortalece o ônus ambiental ao mesmo tempo em que se consolidam fluxos migratórios que, aumentam o consumo e a demanda por serviços públicos e privados. A cidade deve estar preparada para lidar com

as consequências de tudo isso, enquanto trabalha para atender aos interesses do capital. Geralmente criam-se contradições nesse processo.

A ocupação do cerrado na atual fase tecnológica leva a uma interpretação ativa do território, em que o crescimento da produtividade não se descola dos custos sociais, não só abrindo alguns circuitos produtivos, como também fechando, ao desenraizar culturas. Dotada de qualidades e quantidades da última modernidade, a fronteira do capital no cerrado é reconstruída através de conceitos reveladores dos projetos dos agentes hegemônicos e também como espaço dos que lutam nos interstícios da ordem dominante, pois, como observa Ribeiro, a fronteira da técnica só pode ser compreendida quando a pesquisa não oculta as perdas sociais absorvidas na produção da riqueza (Bernardes, 2015, p. 4-5).

O conceito de RPA surge num momento em que há uma reestruturação urbana e regional multifacetada, em grande parte relacionada direta ou indiretamente à agropecuária e ao agronegócio globalizado, inclusive com fenômenos como os fluxos migratórios. Torna-se muito difícil considerar apenas as categorias e conceitos tradicionais para analisar esses processos na geografia (Elias, 2011).

As agroindústrias, muitas vezes, são o elemento que consolida a inserção das RPAs em circuitos econômicos internacionais. Nesse processo de superespecialização produtiva, que muitas vezes dá origem a elas, atendendo aos interesses do capital, é comum que não haja um domínio do município ou região sobre o que ele produz e exporta. Para se ter uma ideia um pouco melhor disso, é necessário conhecer todas as etapas do processo produtivo da *commodity* responsável pela existência da Região Produtiva Agrícola em questão

Naturalmente, as RPAs abarcam somente uma parte dos circuitos espaciais da produção e dos círculos de cooperação, os circuitos locais e regionais. Os demais só podem ser visualizados ao se considerar todas as etapas do processo produtivo da *commodity* a ser estudada, pois muitos deles não se dão na RPA ou mesmo no país. [...] as RPAs são um lugar funcional do agronegócio globalizado, meras regiões do fazer, com pouquíssima ou nenhuma ingerência efetiva sobre as respectivas produções agrícolas e agroindustriais nelas ocorridas (Elias, 2011, p. 157).

A reestruturação produtiva da agropecuária brasileira pode ser dividida em duas frentes, uma delas é a demanda interna crescente, que precisa ser atendida ao mesmo tempo em que o mercado externo, a segunda e principal frente, é cada vez mais visado. Em Rio Verde, esse cenário se repete, à medida em que a população vem crescendo ao longo das últimas décadas e, a produção agropecuária e industrial é orientada, muitas

vezes, para atender ao mercado externo. A respeito do fenômeno citado, Elias (2013, p. 14) lembra que essa reestruturação tem “seu funcionamento regulado pelas relações de produção e distribuição globalizadas, direcionando-se, cada vez mais, para atender à crescente demanda do mercado urbano interno e à produção de *commodities* para exportação”.

Municípios como Rio Verde encabeçam uma tendência de se colocarem como alternativa para a ação do capital, através da expansão de grandes grupos empresariais. Além disso é possível identificar a presença de muitas empresas de assistência técnica e assessoria às maiores empresas. Enquanto a produção propriamente dita e o trabalho de chão de fábrica estão em cidades como Rio Verde, o controle dos negócios está nas sedes dessas empresas, normalmente em seus locais de origem ou em grandes metrópoles. A questão do não-controle sobre o que é produzido em seu território passa por aqui.

Para chegar às áreas de produção agrícola moderna, as empresas, sobretudo as de alcance global, além de instalarem suas sedes nas principais metrópoles, estabelecem uma rede de filiais, distribuidores, concessionárias e centros de assessoramento dispersos pelas áreas produtivas [...] (Maldonado, Almeida e Picciani, 2017, p. 83).

Ao colocar em discussão a temática das fronteiras da modernidade no cerrado, incluindo a expansão da cadeia grãos/carnes, sabe-se ainda que existem outros pontos relevantes para colocar em discussão, como a relevância da região Centro-Oeste para o projeto de país e a dinâmica de mercado mundial. A chamada novíssima fronteira torna possível a visualização das articulações entre o local e o global, assim como da organização das relações de poder e influência, e ainda de círculos de cooperação (Bernardes, 2015).

Esse sistema de trocas entre diferentes setores da economia de alguma forma associados à agroindústria, é fundamental para entender as novas relações entre campo e cidade. Quanto mais avançada a reestruturação produtiva da agropecuária, mais complexas se tornam as relações campo-cidade, surgem novas relações dentro dos territórios, em variadas escalas. A oposição entre campo e cidade dá lugar a uma complementaridade. É possível dizer que as contradições do capitalismo reuniram o que ele mesmo separou em seu início, campo e cidade, indústria e agricultura. O agronegócio globalizado tem influência na reestruturação urbana e a própria formação das RPAs é um exemplo disso. Historicamente, no Brasil, à medida em que se fortalece o capitalismo no

campo, crescem as áreas urbanizadas, pois a sociabilidade dos espaços urbanos é necessária à gestão da agropecuária moderna (Elias, 2011).

A compreensão das RPAs também remete às relações de troca entre os diferentes ramos do agronegócio, já que sua existência depende de uma série de relações com outros setores, como o comércio, os serviços especializados e a indústria. As demandas criadas pela reestruturação produtiva, impulsionam várias atividades no setor terciário. O crescimento da população e o conseqüente aumento do consumo também contribuem com o fortalecimento desse setor. As transformações não se limitam à produção e à industrialização (Elias, 2011).

O processo de crescimento demográfico e urbano das cidades brasileiras geralmente está atrelado às suas dinâmicas econômicas, que por sua vez costumam compor uma conjuntura produtiva maior, ligada às tendências regionais ou nacionais. Dessa forma é possível afirmar que o crescimento de Rio Verde, nos âmbitos demográfico e econômico, está fortemente ligado à cadeia produtiva grãos/carnes, no estado de Goiás e no Centro-Oeste do Brasil. A especialização nessa cadeia faz com o que o município seja uma referência na produção agroindustrial entre os municípios do entorno e até mesmo em uma escala maior.

[...] Algumas cidades tornam-se novos centros, enquanto outras perdem a posição (função) exercida em períodos anteriores. Essa remodelação é acompanhada de uma maior especialização dos núcleos urbanos, aprofundando a divisão territorial do trabalho e acarretando na necessidade da criação de mais fluxos [...] (Maldonado, Almeida e Picciani, 2017, p. 82).

O fato de virar referência na produção agropecuária, deixou Rio Verde em evidência, isso favoreceu a atração de investimentos na indústria, nos serviços e no comércio, além de ter estimulado a ocorrência de fluxos migratórios, de pessoas oriundas de diversas regiões do Brasil. É notável que houve transformações socioeconômicas no município a partir do Projeto Buriti. Além disso, a população local passou a crescer em um ritmo muito superior ao do estado de Goiás e do país, no mesmo período em a agroindústria da carne se consolidava no local.

A expansão do setor terciário no território urbano rio-verdense

Não há como negar que o destaque que vem à mente, quando se fala em Rio Verde é o agronegócio, com as atividades agropecuárias e as indústrias correlatas. Muito disso

se deve a propaganda positiva do setor, que é uma tendência nacional comumente observável. Mas com os fluxos migratórios que alavancaram o aumento populacional da cidade nas últimas décadas, nota-se que o setor terciário, com o comércio e a prestação de serviços, também se alavancou.

As ditas cidades do agronegócio ocupam um lugar de centralidade nas RPAs, com um território agrário moderno, redes agroindustriais e os chamados espaços urbanos não metropolitanos. Rio Verde, à medida em que consolida crescimento demográfico, vê crescerem suas demandas por produtos e serviços. Enquanto uma cidade do agronegócio, há uma hegemonia das funções ligadas à agroindústria sobre outras funções. Entretanto, isso tem se mostrado cada vez mais apenas na teoria do que na prática. É importante ressaltar que as vezes uma cidade tida como do agronegócio, ao crescer e se expandir passe a ter outras atividades funcionais, principalmente do setor terciário, que começam a se sobrepor a algumas demandas do agro, muito em virtude do crescimento populacional e de consumo. Isso não significa, necessariamente, que as atividades ligadas ao agronegócio deixarão de ter importância para a cidade.

O agronegócio, tecnificado e globalizado, tem seu papel na reestruturação das cidades brasileiras. Nos municípios do Brasil, historicamente, ao mesmo tempo em que se fortalece o capitalismo no campo, crescem as áreas urbanizadas. A interação com o meio urbano é necessária à gestão das atividades agropecuárias. Em Rio Verde é possível visualizar de forma clara a existência de empreendimentos funcionais ao agronegócio, muitas vezes, dividindo espaço com outros tipos de atividades.

Os fluxos comerciais desses municípios também estão fortemente atrelados à sua funcionalidade ao agronegócio. No caso das importações, os municípios especializados na produção de determinados grãos, por exemplo, têm quase 100% de suas importações relacionadas ao que produzem, sobretudo em insumos e maquinário. São esses fluxos, e principalmente suas cifras, que confirmam a especialização produtiva, bem como as relações que esses municípios exercem em suas regiões (Maldonado, Almeida e Picciani, 2017).

Ainda a respeito da relação entre agronegócio e urbanização, é possível notar que o papel do agronegócio para a urbanização em pequenas e médias cidades se dá através do fortalecimento destas nos âmbitos demográfico e econômico. Há alterações populacionais devido aos fluxos migratórios e econômicos devido às demandas, tanto da

população emergente, quanto do modelo produtivo. Essas cidades criam condições para reprodução do capital à medida em que ganham importância nas redes agroindustriais, suprimindo demandas de mão de obra, recursos e serviços, ao mesmo tempo em que se reorganizam urbano e regionalmente (Elias, 2013).

Rio Verde exemplifica isso através da atração de fluxos migratórios, intensificada na década de 2000, em grande parte associada com a agroindústria da carne. Nesse contexto, a cidade atende às demandas do campo e da indústria, como de produtos essenciais para essas atividades, serviços com essa mesma finalidade, fazendo-a uma cidade agroindustrial, uma cidade do agronegócio. Essas movimentações tornam a cidade dinâmica, transformando suas próprias configurações.

A cidade se torna atrativa para migrantes devido ao dinamismo econômico, o que pode ser observado mais uma vez pelas transformações do urbano. As pessoas sem qualificação ou com qualificações que não atendam às necessidades das atividades econômicas, podem não ser incluídas, o que aumentará a exclusão e a desigualdade. Isso acarretará no surgimento de ocupações irregulares e na geração de uma demanda por habitação social, de acordo com Sobarzo (2008).

Ocorre que, passadas as “ondas” de agroindustrialização, embora a população do município de Rio Verde ainda cresça, isso se dá num ritmo menor do que acontecia no auge desses processos. Entretanto o modelo econômico segue como um forte influenciador das transformações socioeconômicas e urbanas. Muito disso se dá, nos dias atuais, através dos investimentos do setor terciário na cidade, com a expansão das redes comerciais e de serviços de atendimento ao público, como os de saúde, por exemplo.

De modo geral, vários bairros de Rio Verde têm em seu território ou em bairros próximos, alguma unidade de saúde, como postos de saúde familiar e Unidades de Pronto Atendimento, uma delas entrou em atividade em 2022, na região sul da cidade. Mas o que realmente chama a atenção, nesse aspecto, são os investimentos em hospitais de maior porte. A cidade já contava com alguns três grandes hospitais privados, sendo eles: Hospital Presbiteriano Dr Gordon (Hospital Evangélico), Hospital Santa Terezinha, Hospital da Unimed, além de um Hospital do Câncer e passou a contar com um Hospital Materno Infantil recém-inaugurado, em outubro de 2023, além de estar em construção um novo Hospital Municipal Universitário, as margens da BR-060, como pode se observar na figura 2.

Figura 2: Hospital Municipal Universitário em construção as margens da BR-060



Fonte: Elaboração própria, (2022).

É importante destacar que dentro das RPAs, as redes agroindustriais são as maiores produtoras dos espaços agrário e urbano. Elas intensificam as relações campo-cidade e alguns processos que acontecem na cidade, em zonas próximas às de produção agrícola, desenvolvendo cidades funcionais ao agronegócio, territórios especializados e de gestão dessas atividades. Essas áreas merecem atenção, pois em um país grande e diversificado como o Brasil, as especificidades nas formas de produção são comuns, entretanto mesmo com toda essa diversidade, deve-se destacar o poder de promover fortes (re)estruturações urbanas e regionais (Elias, 2011).

No município de Rio Verde, a interação entre a cidade e as atividades do campo é notável. Ela se fortaleceu de forma paralela à expansão agroindustrial. A ideia dessa necessidade de diálogo com o urbano e sociabilidade se fortalece juntamente com a atividade agropecuária brasileira, já que “quanto mais intensiva e globalizada a agropecuária, mais urbana se torna a sua gestão, dinamizando o terciário e, consequentemente, a economia urbana” (Elias, 2013, p. 24).

Os chamados espaços urbanos não metropolitanos, são locais onde podem se reproduzir situações e características tanto de grandes cidades, quanto das mais interioranas. Há um jogo de forças entre os vetores capitalistas que atuam sobre essas cidades, remodelando-as. A expansão desse processo passa pelas cidades médias, com

alianças entre capital externo, local e poder público. Cidades como Rio Verde tendem a acompanhar tendências de consumo e imposições especulativas, como no caso do ramo imobiliário e ainda, configurações urbanas e distribuição de empreendimentos. Vale ressaltar que essa intermediação não se traduz em relações equilibradas, igualitárias, entre o local e o global. A respeito desse processo, Sobarzo (2008, p. 288-289), destaca que

[...] Assim, podemos contextualizar as influências que mercados e consumidores distantes têm nas decisões sobre a produção e o consumo da própria cidade média e seu entorno agrícola ou na maneira de produzir a cidade, com novos produtos imobiliários que se impõem como as formas de moradia, consumo e lazer que vão se repetindo nas cidades médias.

O movimento geral de atração de trabalhadores para as RPAs interfere diretamente na dinâmica urbana dos municípios. O processo de urbanização das cidades brasileiras se acentuou com a inserção do Brasil na globalização econômica. Em Rio Verde, um exemplo dessa inserção foram as redes agroindustriais e, atualmente, são as grandes redes comerciais e de prestação de serviços especializados. Isso leva a variadas reorganizações no território brasileiro. Elias (2013, p. 13) pontua que “os reflexos fazem-se sentir na economia, no espaço, na dinâmica demográfica, culminando numa nova repartição dos instrumentos de trabalho, do emprego e dos homens no território do país, denotando uma nova economia política da urbanização e das cidades brasileiras”.

Elias (2013, p. 24) destaca que a difusão do agronegócio globalizado em diferentes áreas do país contribuiu “para que a urbanização brasileira deixasse de ser apenas litorânea e se interiorizasse, desencadeando incomensurável número de transformações nas áreas antes não consideradas para produções mais intensivas”. Hoje em dia, o que se observa é a expansão de outros setores econômicos, como o terciário, em um processo de interiorização, nas regiões por onde a expansão do agronegócio já está consolidada.

Um dos exemplos dessa expansão do setor terciário é o fortalecimento de instituições de educação superior. Algumas delas são referências na região, atraindo estudantes de vários municípios do entorno e até mesmo de localidades mais distantes. A cidade conta com um Campus do Instituto Federal Goiano, representado na figura 3, além da Universidade de Rio Verde, UniRV, que já se expandiu para outras cidades do estado de Goiás. Além disso, a cidade conta ainda com algumas faculdades privadas.

Figura 3: Entrada do Campus Rio Verde do Instituto Federal Goiano



Fonte: Elaboração própria (2022).

O fortalecimento das atividades de todos os setores econômicos, no município de Rio Verde, acontece em sintonia com o espaço urbano, o que resulta também no crescimento da economia urbana. No setor terciário, tanto o comércio ligado às atividades agropecuárias quanto o comércio ligado ao consumo são bem consolidados. Além disso, as áreas de saúde, educação e serviços especializados são uma alternativa para os moradores locais e de outras cidades da região, sendo uma opção para poupar a população de um deslocamento para cidades maiores.

[...] na economia urbana, que passa a crescer de forma bem distinta do até então ocorrido, com grande destaque para o crescimento dos setores inerentes ao consumo produtivo, ou seja, o consumo associado às demandas da agricultura científica e do agronegócio, mas também ao consumo consumptivo, associado às demandas dos migrantes descendentes, que impõem seus padrões de consumo às respectivas áreas, que serão, em parte, atendidos localmente. O nível de renda destes empresários ligados ao complexo agroindustrial da soja acaba também sendo um importante propulsor da economia urbana (Elias, 2006, p. 38).

Ao longo dos anos, o conjunto de transformações proporcionadas pela inserção das atividades de produção agropecuária tecnificada em Rio Verde, não se restringiu apenas ao segmento de produtos e serviços diretamente ligados à produção, alcançando diferentes segmentos associados às demandas de trabalhadores e capitalistas do segmento, provocando transformações na economia urbana ao transformar o padrão de

consumo. Desta forma, aumentou o consumo associado à demanda do agro, e aumentou também o consumo relacionado aos padrões das populações migrantes.

Do ponto de vista físico, essas regiões são compostas geralmente por cidades pequenas e médias, os chamados espaços urbanos não metropolitanos e por espaços agrícolas altamente modernizados. Numa dinâmica natural, de se tornar alternativa a outros espaços urbanos e regiões, ocorre a instalação de indústrias que buscam sua expansão e a atração de populações migrantes, que buscam tanto opções alternativas às cidades grandes, quanto às cidades pequenas. O crescimento demográfico e econômico de cidades como Rio Verde, onde acontecem fenômenos como este, é exaltado pelos meios de comunicação, pelo poder público local e, em alguns casos, pela própria população.

Essa exaltação é um fenômeno bastante influenciado pelas mídias, muitas vezes por iniciativa do próprio poder público. A respeito desse *marketing*, Lima (2019, p. 9) reforça que “ademais, a promoção das cidades adjetivadas de médias, seus papéis e determinações regionais acumulados, tem vinculação direta com os esforços políticos, na busca de inseri-las nas disputas competitivas e seletivas dos investimentos e assim, valorizando sua localização na região”.

Em Rio Verde, é possível afirmar que esses esforços para tornar a cidade competitiva e atrativa para grandes investimentos deram certo e, seguem dando certo. Basta observar o perfil e a dimensão das empresas instaladas no local nos últimos 25 anos, nos diferentes segmentos: agroindústrias, supermercados atacado-varejistas, concessionárias, dentre outras. São empresas que exploram desde o potencial produtivo do município, até o seu potencial de consumo, através de um mercado consumidor que se fortaleceu notavelmente no período, muito em virtude dos fluxos migratórios.

Aspectos do espaço rio-verdense enquanto cidade de comando regional

Uma das primeiras coisas que se vem à mente quando se pensa em cidades, é a percepção acerca de seu tamanho. Cidades como Rio Verde são rotineiramente denominadas de médias, por estarem numa posição quantitativa inferior à da maioria das capitais de estados, por exemplo, mas ao mesmo tempo superior à das cidades ao seu redor. Além disso, são cidades em crescimento, onde sempre é possível observar o surgimento de um novo bairro ou empreendimento imobiliário.

Agregam a essa percepção, o fato de Rio Verde já ter passado por notáveis movimentos de agroindustrialização, que em muitas cidades brasileiras, é um fator preponderante para alavancar a urbanização. Elias (2013, p. 23) afirma que “é possível identificar várias áreas e municípios brasileiros cuja intensificação da urbanização se deve diretamente à consecução e à expansão do agronegócio globalizado”.

Na questão demográfica, tanto as migrações campo-cidade, quanto as migrações entre cidades e inter-regionais, contribuem para a construção dos diferentes perfis de moradores de uma cidade como Rio Verde. As práticas econômicas, ligadas principalmente às atividades agropecuárias modernas e seus desdobramentos, de acordo com Bernardes (2007, p. 1-2), “[...] modificam o espaço físico na condição de valor de troca, gerando uma dinâmica de mercado em torno do próprio espaço, necessitam da criação de espaços urbanos adequados ao ambiente circundante e às necessidades sociais.”.

Em espaços como os bairros onde se abrigam as famílias de renda mais baixa, está o contraponto desse processo, populações mais carentes dos serviços ofertados numa cidade, dentre elas, o migrante mal posicionado no mercado de trabalho local e o ex-trabalhador do campo, antigo camponês, cujo estilo de vida não conseguiu sobreviver ao processo de modernização da agropecuária brasileira e que geralmente parte para a cidade almejando o recomeço em uma vida urbana. Assim, torna-se claro que a modernização, e a conseqüente expansão da fronteira agrícola acontecem em um contexto urbano

[...] contribuindo para o processo de urbanização o fluxo imigratório contínuo dos "sem terra", dos subempregados e desempregados rurais ou urbanos, a necessidade de criação de reserva de mão de obra, a concentração fundiária e o elevado preço da terra, resultando em um processo de reordenamento do território (Bernardes, 2015, p. 2)

Um dos papéis que uma cidade média tende a assumir no contexto atual, é acolher as demandas do capital internacional. No caso de grande parte das cidades médias brasileiras, isso se dá por meio do agronegócio. Ao mesmo tempo que essas cidades recebem influências externas, também exercem sua influência sobre inúmeras outras e fica também evidente o efeito desses processos sobre essas próprias cidades.

[...] Num contexto atual de grande mobilidade do capital, entre setores da economia e entre diferentes espaços, a cidade média passa também a depender e a responder por demandas de capitais externos que buscam nas atividades do agronegócio a sua reprodução. Fica evidente que nesse quadro a cidade média constitui um nó da rede urbana que articula dinâmicas locais e globais, horizontalidades e verticalidades que, pela volatilidade dos capitais, constroem uma geometria variável, moldada em função de interesses que muitas vezes são transitórios (Sobarzo, 2008, p. 288).

Lima e Silveira (2018) definem como cidade de comando regional, uma cidade que está inserida em diferentes escalas do capitalismo, nas quais acontecem diferentes interações espaciais, com capacidades produtivas variadas e funcionalidades diversas, tendo capacidade para promover integração ou desenvolvimento regional. São coisas facilmente observáveis em Rio Verde, que concentra estabelecimentos e serviços que podem servir ao mercado consumidor de cidades menores em sua microrregião, promovendo assim uma forma de integração, ao mesmo tempo em que possui uma dinâmica agroindustrial complexa, que faz com que esteja inserida em variados círculos de investimentos.

Elias destaca que o fenômeno da urbanização brasileira, dadas as suas características e a sua dinâmica, sobretudo na atualidade em que não somente as metrópoles e grandes cidades crescem e se desenvolvem, como também as pequenas e médias cidades, é tratado por diversos autores a partir de variados conceitos, como involução metropolitana, urbanização difusa e urbanização dispersa. Eles permitem trazer para a discussão os fatores que influenciam na urbanização das regiões não metropolitanas, dentre os quais vale mencionar a atividade agropecuária e a relação entre cidade e campo. A autora (2013, p. 26) ainda defende que “o importante é destacar que é impossível continuar simplesmente dividindo o Brasil da forma clássica, entre urbano e rural”.

Levando isso em conta e, considerando a população total do município de Rio Verde, em comparação com a de seus municípios vizinhos, é possível verificar que ele concentra a maior população, com mais que o dobro de pessoas do segundo colocado na lista, o município de Jataí. A tabela 2 demonstra a população de Rio Verde e de seus municípios vizinhos.

Tabela 2: População total de Rio Verde (GO) e seus municípios limítrofes (2000, 2010, 2022)

Município	Pop. total 2000	Pop. total 2010	Pop. total 2022
Rio Verde (GO)	116.552	176.424	225.696
Jataí (GO)	75.451	88.006	105.729
Santa Helena de Goiás (GO)	34.545	36.469	38.492
Caiapônia (GO)	14.673	16.757	16.513
Montividiu (GO)	7.736	10.572	12.521
Maurilândia (GO)	8.969	11.521	10.304
Santo Antônio da Barra (GO)	4.052	4.423	4.267
Castelândia (GO)	3.882	3.638	2.985
Aparecida do Rio Doce (GO)	2.402	2.427	2.907

Fonte: IBGE - Censo Demográfico; Elaboração: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2022.

Naturalmente um município com uma população maior, vai ter mais demandas de consumo e serviços, por exemplo. Por sua vez, o capital apresentará uma tendência a levar os investimentos para estes locais, em detrimento dos municípios vizinhos, com população menor. Com isso, municípios como Rio Verde, poderão apresentar uma tendência a centralizar a oferta de diversos serviços especializados e produtos, atendendo também a população dos locais em seu entorno.

A movimentação para conferir fluidez ao território, atraindo investimentos, faz com que muitas características locais preexistentes sejam modificadas. Ocorre então uma reorganização territorial. Bernardes (2015) traz o conceito de socialização de custos no processo de criação das condições para a acumulação do capital. Essa socialização implica em dizer que algumas das condições citadas passaram pela criação de obras públicas para atender às demandas dos grupos hegemônicos. Geralmente obras de infraestrutura.

No cerrado do Centro-Oeste essas adequações ocorreram no contexto dos interesses dos grupos sociais hegemônicos, que dirigiam uma forma de produção fundamentada no progresso científico e tecnológico, favorecidos pelos investimentos do Estado, seja na aplicação da ciência e técnica na modernização da agricultura, seja na criação de infra-estruturas, o que significa a socialização dos custos envolvidos na criação das condições gerais da acumulação capitalista (Bernardes, 2015, p. 7).

Quanto à distribuição desses locais de comércio e prestação de serviços no interior da cidade, é possível afirmar que o capitalismo proporciona uma realidade amplamente marcada pelo poder, na qual todas as relações, na maioria das esferas, se direcionam ao

suprimento dos interesses do capital. Bernardes (2007, p. 2) afirma que “[...] tanto o sistema produtivo instituído, como a tecnologia e as adaptações sócio-espaciais são orientadas para responder aos fins da acumulação.”. No meio urbano, isso fica refletido na tendência à distribuição de populações com perfis distintos nos diferentes bairros, bem como nas consequentes concentrações da disponibilidade de serviços e produtos nas áreas que abrigam as famílias de renda mais alta.

É sabido que as metrópoles, com toda a sua complexidade, oferecem muitos processos a serem analisados. Entretanto, na atualidade, com a tecnificação da agropecuária e, a urbanização alcançando áreas não-metropolitanas, as grandes cidades passam a dividir o foco com cidades médias, pequenas e até mesmo com o espaço rural.

[...] Não negamos a riqueza que o espaço metropolitano oferece para a pesquisa urbana e a evidência e magnitude dos processos aí produzidos, mas o que acontece nos outros espaços urbanos, nas chamadas cidades médias ou pequenas e no espaço rural estreitamente relacionado a elas não nos auxilia ou complementa a compreensão do urbano hoje? Será que nesses recortes não se manifesta o atual momento da reprodução da cidade? (Sobarzo, 2008, p. 279)

Pode se entender que nas cidades em geral, o que ocorre é uma complementaridade entre horizontalidades e verticalidades, sendo que nas cidades médias esse processo se dá com mais intensidade. As atividades ofertadas por ela para o seu entorno são uma relação de horizontalidade, mas os agentes que gerenciam suas próprias atividades, sobretudo econômicas, são externos. No setor produtivo, é possível gerar-se empregos para populações locais e/ou ligadas à cidade, enquanto quem orienta a produção e as atividades são os mercados internacionais, com suas exigências e especificidades (Sobarzo, 2008).

Compreender as cidades de comando regional é um desafio com diversas respostas possíveis, a depender do recorte e dos recursos de análise. O processo brasileiro de urbanização pode ser considerado dinâmico, acelerado e notável. A revolução tecnológica favoreceu a produção e levou a intensas transformações demográficas e urbanas. Esse processo é complexo, já que as cidades do interior passaram a crescer ao mesmo tempo, em que ocorria a metropolização em muitas das grandes cidades. Assim, a rede urbana se adensava ao mesmo tempo, em que aumentavam os fatores de dispersão e concentração. A população crescia em ritmo cada vez mais acelerado, especialmente a urbana (Elias, 2013).

Os termos ‘cidade’ e ‘região’ são complementares na demonstração de que as cidades médias não se resumem ao quantitativo, contribuindo e auxiliando para o uso de outras denominações mais adequadas. As relações da cidade com o seu entorno, são reforçadas por investimentos desenvolvimentistas que contribuem para o reforço de suas desigualdades

A importância assumida das ditas cidades (médias) nesse processo, junto de outras áreas (municipais e rurais) de influência, é a de uma soma de totalidades dentro de outras totalidades. Esse fato é comprovado quando da materialidade de condições, em pontos específicos destas cidades. Assiste-se então, ao uso da terra urbana para moradias de médio e alto padrão. Novos fixos, ao tempo que são orientados para suas localizações em lugares estratégicos no contexto da malha urbana, movimentam e alienam os diferentes e dependentes fluxos de pessoas, capitais e condições (Lima, 2019, p. 8).

As vantagens para morar ou investir em cidades médias, proporcionam transformações em seu interior ao mesmo tempo, em que evidenciam a insatisfação com os problemas das grandes cidades. Entretanto, um risco a ser pensado, é o de que devido ao seu dinamismo, as cidades de comando regional, com o passar do tempo, acumulem problemas parecidos com os das metrópoles. Suas transformações se dão, muitas vezes, por processos parecidos ou até mesmo iguais, aos que as grandes cidades vivenciaram no passado, sendo resultado de investimentos que lhes proporcionam capacidade de comando regional e uma certa independência das cidades ao seu redor (Lima, 2019).

A importância do setor terciário para a consolidação da rede urbana em municípios “do agro”, acontece através da ajuda em integrarem essas cidades cada vez mais à dinâmica do capitalismo global, através do consumo. Isso fortalece a capacidade de integração regional, possibilitando o atendimento das demandas de pequenas cidades locais. Por outro lado, o centro de cidades como Rio Verde, apresenta uma dinâmica mais rígida à medida que a cidade cresce.

Dessa forma, os investidores buscam áreas fora dos centros dessas cidades para consolidar seus investimentos. Em Rio Verde, isso fica claro ao se observar a instalação de grandes redes comerciais, como o Atacadão em 2010, o Buriti Shopping em 2014, o Assaí em 2018 e o Costa Atacadista em 2022, sempre fora do centro da cidade, em áreas razoavelmente periféricas, com alguma estrutura e capacidade de investimento.

Considerações finais

As cidades de comando regional, como Rio Verde, são cidades inseridas em diferentes circuitos econômicos e com diferentes formas de interação espacial, o que muitas vezes faz com que se destaquem na integração regional e na inserção em circuitos mundializados de produção agropecuária. Ao se dar ênfase nas questões agropecuária e industrial, antes de iniciar a discussão em torno do setor terciário, já é possível visualizar contradições, como o fato de, mesmo exercendo um papel de destaque na integração regional e um certo controle sobre o entorno, Rio Verde ser um território fortemente dependente de decisões que acontecem em escala global, nos circuitos mais altos das *commodities*.

A relação entre agroindústria e urbanização em Rio Verde está relacionada ao seu fortalecimento nos aspectos populacional e financeiro, já que a cidade passa a precisar atender tanto as demandas das atividades econômicas quanto da população em crescimento. Ao mesmo tempo, isso leva a um fortalecimento do setor terciário, já que a população crescente tem uma variedade de demandas de consumo. Mesmo que a cidade cresça num ritmo um pouco menor do que em décadas passadas e, com o comércio e a prestação de serviços ganhando notoriedade, a dinâmica agroindustrial não deixa de ter importância para o município.

Através dessa revisão bibliográfica compreende-se que, em uma cidade em processo de crescimento demográfico e urbano, como Rio Verde, é possível começar a considerar o comércio e as demais atividades do setor terciário, como uma vertente de influência nas suas dinâmicas econômica e de crescimento espacial e populacional. A localização dos grandes empreendimentos comerciais recentes, também é reflexo da atuação do capital no município, já que muitas vezes acontecem em áreas intermediárias, de transição e de grande movimento, entre o centro e a periferia, sendo isso um reflexo da especulação imobiliária já tão comum nestes espaços urbanos não metropolitanos. Somando-se isso ao crescimento demográfico, torna-se preciso redobrar a atenção para a possibilidade de que municípios como Rio Verde passem a repetir problemas urbanos das capitais e grandes cidades.

A cidade contou com dois notáveis movimentos de agroindustrialização, sendo que o primeiro, relacionado à soja, teve um impacto maior no campo, embora com desdobramentos na cidade, já que favoreceu um expressivo movimento de migração

campo-cidade. Já o segundo, ligado à agroindústria da carne, teve desdobramentos muito maiores na cidade, já que naquela ocasião, a população urbana já era maior que a rural e este movimento favoreceu o fluxo migratório de pessoas de outras regiões do país em direção à Rio Verde. Levando em conta que há uma linearidade entre essas duas ondas de agroindustrialização, pode-se inferir que elas são complementares.

A transformação do município em RPA se deu à medida que os produtores locais perceberam uma oportunidade na lucratividade da soja e, com o passar dos anos, o município se especializou e se tornou referência na sojicultura. A agroindústria, por sua vez, possibilitou a inserção do município em circuitos mundializados, através dessa cultura.

Nesse processo, a autonomia sobre o que é produzido é muito reduzida e limitada, ditada pelo mercado internacional e pelas sedes das grandes empresas. Ao mesmo tempo, municípios como Rio Verde tem um forte fluxo comercial, possibilitando o exercício de uma certa influência sobre cidades vizinhas, o que favorece a vertente do comando regional, que se fortalece ao longo do tempo, com o crescimento das atividades do setor terciário, que é cada vez maior.

É preciso que esse desenvolvimento seja sempre acompanhado de perto pelo poder público, de modo a minimizar a produção de desigualdades e favorecer a qualidade de vida da população. É necessário equilibrar desenvolvimento econômico e social, para que a cidade possa se tornar não apenas referência em produtividade e consumo, mas também em qualidade de vida. Um passo importante para isso é buscar entender as necessidades e a diversidade da população.

Referências

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2023.

BERNARDES, Júlia Adão. Agricultura moderna e novos espaços urbanos no cerrado brasileiro. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 3, n. 1, ed. 1, p. 1-12, 2007.

BERNARDES, Júlia Adão. Novas fronteiras do capital no Cerrado: dinâmica e contradições da expansão do agronegócio na região Centro-Oeste, Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía e Ciencias Sociales**, Barcelona, ano 2015, v. 19, n. 507, p. 1-28, 15 abr. 2015.

BORGES, Ronan Eustáquio. Complexos Agroindustriais e desenvolvimento regional: o caso do sudoeste de Goiás. **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Territórios**

em disputa: Os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro, Uberlândia, p. 1-14, 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/gts/1217_1.pdf . Acesso em: 11 jul. 2022.

ELIAS, Denise. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 9, v. 9, n. 8, ed. 1, p. 29-51, 2006.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, Rio de Janeiro, v. 13, ed. 2, p. 153-167, nov. 2011.

ELIAS, Denise. Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, p. 13-32, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LIMA, Juscelino Gomes; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Cidades Médias Brasileiras a Partir de um Novo Olhar Denominal e Conceitual: Cidades de Comando Regional. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, p. 8-41, 29 dez. 2017.

LIMA, Juscelino Gomes. Cidades Médias Brasileiras a partir de um novo olhar denominal e conceitual: cidades de comando regional. **Anais do XVII Enanpur**, São Paulo, v. 17, ed. 1, p. 1-19, 2 maio 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/ojs/index.php/anaisenanpur/article/view/1876> . Acesso em: 13 jul. 2022.

MALDONADO, Gabriela; ALMEIDA, Marina Castro de; PICCIANI, Ana Laura. Divisão territorial do trabalho e agronegócio: o papel das metrópoles nacionais e a constituição das cidades do agronegócio. In: BERNARDES, Júlia Adão; FREDERICO, Samuel; GRAS, Carla; HERNÁNDEZ, Valeria; MALDONADO, Gabriela. **Globalização do agronegócio e land grabbing: A atuação das megaempresas argentinas no Brasil**. 1. ed. rev. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2017.

RODRIGUES, Sávio José Dias; BATISTA, Carlos dos Santos; AMADOR, Rafael Barra. Expansão de grandes projetos de desenvolvimento e precariedade do trabalho no espaço agrário do Maranhão. **Revista Equador**, Teresina, v. 9, n. 21, ed. 1, p. 196-214, 2020.

SOBARZO, Oscar. As cidades médias e a urbanização contemporânea. **Cidades: Grupo de Estudos Urbanos - GEU**, Presidente Prudente, v. 5, ed. 8, p. 277-292, 2008.

Recebido em 17 de dezembro de 2023.

Aceito em 08 de abril de 2024.

Publicado em 28 de junho de 2024.